ORQUIDÁRIO
Livro Tombo n.º R.O.
Obra n.º
Biblioteca

ORQUIDÁRIO

Revista Oficial da OrquidaRIO

VOL. 1 Jan/Mar 1987 N. 1

OrquidaRIO

DIRETORIA

Presidente	Edward G. E. Kilpatrick
Vice-Presidente	Álvaro A. A. Pessoa dos Santos
Secretário	Alexis Sauer
Tesoureiro	Hans J. O. Frank
Diretor Técnico	Francisco E. L. F. de Miranda
Diretor Social	Maria Cristina de C. Miranda
Diretor de Exposições	Roberto Agnes
Editor	Francisco E. L. F. de Miranda
Comissão Editorial	Osmar Júdice
	Roberto Agnes
	Carlos Eduardo B. Pereira

NOTIFICAÇÃO AOS CONTRIBUINTES

A Revista ORQUIDÁRIO é publicada trimestralmente pela OrquidaRIO (Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro), e é mandada a todos os seus Associados e demais Associações afins. Cópias avulsas da Revista podem ser adquiridas diretamente da OrquidaRIO por 1/4 OTN.

Artigos a serem submetidos para consideração e posterior publicação são aceitos pelo Editor a qualquer tempo. Manuscritos devem ser datilografados preferencialmente em espaço duplo e papel A4. Os manuscritos aceitos pela Comissão Editorial serão publicados na primeira oportunidade. Fotos preto e branco, desenhos e esquemas junto aos artigos são aceitos para publicação (no caso de fotografias, se possível fornecer o nome do fotógrafo). Artigos a serem publicados em uma edição específica, incluindo propaganda, devem ser recebidos pelo Editor até as seguintes datas, que serão rigorosamente observadas:

Mês de edição	Data final de recebimento
Março	15 de janeiro
Junho	15 de abril
Setembro	15 de julho
Dezembro	15 de outubro

Taxas para publicação de anúncios:

Página inteira	6 OTN
Meia página	3 OTN
Quarto de página	1,5 OTN

A OrquidaRIO tentará assegurar a confiabilidade dos anúncios publicados na Revista ORQUIDÁRIO, entretanto, não poderá assumir responsabilidade por quaisquer transações entre anunciantes e clientes.

Toda correspondência relativa à Revista ORQUIDÁRIO deve ser enviada para:

Francisco E. Miranda - Editor
OrquidaRio
Rua Sorocaba, 122 - Botafogo
22271 Rio de Janeiro - RJ

A OrquidaRIO está aberta à participação de todos. Os associados terão direito à Revista ORQUIDÁRIO e a participar de todas as atividades sociais da OrquidaRIO. A taxa é trimestral no valor de 1 OTN.

ORQUIDARIO

Livro Tombo n.º Revista RIO 1

INDICE n.º .....

29/04/92 .....

Bibliotecário

CONTEÚDO

Por que Julgar	Roberto Agnes	6
As Leis da "Implicância Natural das Coisas" Aplicáveis à Orquidofilia	Álvaro Pessoa	8
O Cultivo de *Phalaenopsis*	Roberto Agnes	9
Laelias Brasileiras - Noções, Espécies e Cultivo - 1	Francisco Miranda	12
Orquídeas da África - 1 - *Disa uniflora*	Roberto Agnes	18

NOTAS

Capa	3
Conteúdo do Próximo Número	4

COLUNAS

Editorial	5
Sem Censura	4
Uma Resposta para Todos	4

CAPA

Como não poderia deixar de ser, a capa do primeiro número de nossa revista representa o símbolo da OrquidaRIO, *Sophronitis coccinea* Lindl. Esta espécie foi escolhida como símbolo devido à sua beleza, importância na produção de híbridos, e ao fato de ocorrer em abundância nas regiões serranas de nosso Estado. As variações de colorido vão desde o típico vermelho brilhante até os raríssimos amarelos, passando por todos os tons de laranja. Sua época de floração se estende de março a setembro, dependento da altitude, temperatura e local.

CONTEÚDO DO PRÓXIMO NÚMERO

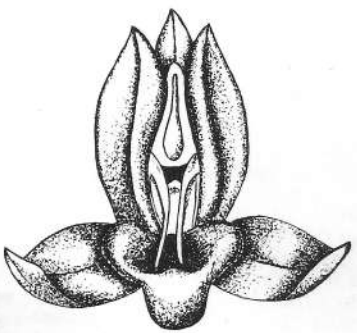
No próximo número, Roberto Agnes apresenta a conclusão de "Por que julgar", e continua a série sobre Orquídeas da África. Na segunda parte de Laelias Brasileiras, a secção Cattleyodes é abordada em mais detalhe. O próximo número traz ainda uma introdução à Taxonomia vegetal e sua utilidade a orquidófilos e termina com algo sobre orquidofilia para orquidófilos na visão do grande botânico brasileiro F. C. Hoehne, publicada há muitos anos mas cada vez mais atual e importante.

UMA RESPOSTA PARA TODOS

Esta coluna tem por finalidade ajudar na solução de problemas enfrentados em quaisquer áreas da Orquidofilia e Orquidologia. Para tanto, as perguntas devem ser encaminhadas ao Editor, de forma a serem respondidas por pessoas julgadas competentes nas diferentes áreas, com a maior presteza possível.

SEM CENSURA

Coluna dedicada a quaisquer assuntos ligados à Orquidofilia. Todo associado da OrquidaRIO pode contribuir nesta seção que tem por finalidade facilitar a livre expressão de opiniões entre orquidófilos. O único limite é o de espaço (20 linhas datilografadas no original) e as opiniões expressas são de responsabilidade total de seus autores.



Catasetum vinaceum Hoehne

EDITORIAL

O ano de 1986 deve ser considerado um marco na orquidofilia nacional. Isto se deve à conjunção de vários fatores, entre os quais são especialmente dignos de nota:

1 - No Rio de Janeiro, um movimento destinado a acabar com o marasmo no qual a orquidofilia no Estado estava envolta nos últimos anos culminou com a criação da OrquidaRIO, entidade de âmbito estadual que pretende, através da renovação de idéias e pessoas, restituir ao estado seu lugar no quadro da orquidofilia nacional. Já em setembro passado, a OrquidaRIO realizou sua primeira exposição no Rio Design Center, por ocasião da entrada da primavera, primando por uma organização e frequência de público desconhecida desde muitos anos no Estado do Rio de Janeiro. Entre as finalidades da OrquidaRIO, são dignas de nota o incentivo a novos orquidófilos que sempre se ressentiram da falta deste apoio e o estabelecimento de padrões para julgamento, inexistentes em nosso estado atualmente. Posteriormente, estes aspectos serão mais discutidos e desenvolvidos.

2 - Foi realizado em novembro o 1º Foro de Orquídeas de Batatais, SP, contando com a presença de estudiosos e orquidófilos de Ribeirão Preto, Nuporanga, Franca, Assis, Batatais, Uberaba e Rio de Janeiro. Este encontro foi caracterizado por palestras de alto nível e é algo de novo em termos de troca de informações entre entidades e orquidófilos de diferentes cidades e estados; normalmente, os encontros ficam por ocasião de exposições de orquídeas, e é natural que praticamente se restrinjam ao lado social. O mais importante, entretanto, é que uma iniciativa desta importância partiu de uma cidade pequena e não dos tradicionais grandes centros orquidófilos. O 2º Foro, por ocasião da Exposição Anual de Orquídeas de Batatais, em março deste ano, repetiu o sucesso do 1º, e esta iniciativa deve se transformar em um evento periódico, e da maior importância.

Todos estes acontecimentos parecem indicar os rumos da orquidofilia nacional, e, para o futuro, o que se pode desejar é que esta renovação seja uma constante. A OrquidaRIO deseja contribuir de forma concreta nestes tempos de renovação, e com este intuito está lançando sua revista periódica. Esta pretende ser mais um foro de troca de informações entre orquidófilos e orquidólogos de tendências várias que nela encontrarão um espaço para registrar seus pontos de vista, esclarecer suas dúvidas, etc. O sucesso desta iniciativa dependerá das reações a este tipo de proposta e desta forma quaisquer sugestões ou críticas serão bem-vindas.

FRANCISCO MIRANDA

Por Que Julgar

ROBERTO AGNES[1]

Se alguma vez existiu um tema que realmente causou discussão em orquidofilia, este foi julgamento. Olhando para uma flor, somos quase sempre unânimes em apreciar seu valor estético, mas quando se deve decidir se a flor é 'boa ou ruim' em termos de julgamento, imediatamente opiniões começam a divergir. Devido a estas diferenças que às vezes causam discussões que podem até levar ao ponto de cindir uma sociedade de orquidófilos, é necessário que um conjunto de regras seja formulado para permitir alguma forma de consenso a ser conseguido por todos os envolvidos.

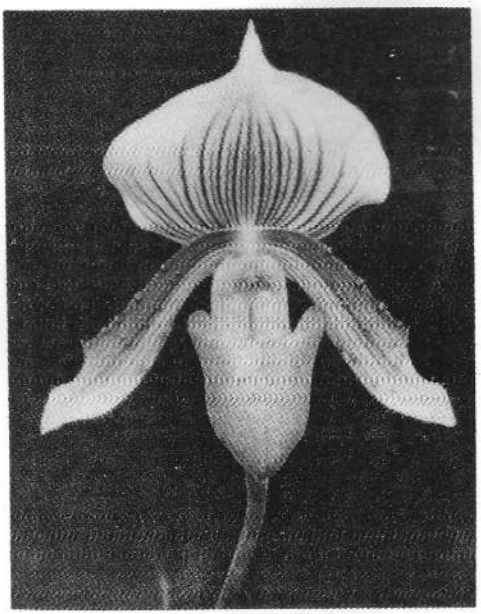
Eu começei a cultivar orquídeas há aproximadamente 15 anos atrás e por alguns anos o julgamento de orquídeas não me interessou; pelo que me dizia respeito, todas as orquídeas que eu cultivava eram bonitas e isto era suficiente. Em um certo estágio, o inevitável aconteceu, eu passei a fazer parte da sociedade orquidófila local e repentinamente me defrontei com uma variedade de orquídeas nunca imaginei existir. A visita à minha primeira exposição levou ao início do meu interesse em julgamento. Em um hall cheio de orquídeas apenas umas poucas possuíam faixas e a uma inspeção mais cuidadosa, parecia que estas premiadas eram melhores de alguma forma do que aquelas sem prêmios. Após algum tempo como membro da sociedade, decidi fazer parte da escola de julgamento para a qual só se é admitido após certos requisitos serem preenchidos. A primeira coisa que compreendi foi que todo o tempo que estive cultivando orquídeas, estive usando uma forma de julgamento quando decidia qual planta comprar ou manter. Este é o primeiro ponto a ser levado em consideração por todos os cultivadores; julgar ou avaliar orquídeas é inevitável e em algum estágio todo cultivador de orquídeas participa de alguma forma de discriminação (julgamento) com relação às suas plantas. Isto pode ocorrer quando um cultivador visita um orquidário comercial e escolhe para comprar uma determinada planta florida entre muitas outras exibidas para venda ou quando ele descarta uma planta que produz flores que não se enquandram nos seus próprios padrões. Em ambos os casos,um processo de avaliação ocorre e algum tipo de critério foi usado pelo cultivador. É este critério que forma a base de todo julgamento e, apesar de poder ser ou não igual aos dos juízes, se o cultivador está em contato ou conhece as tendências atuais, seus padrões se aproximarão dos em uso corrente, e assim a pergunta 'por que julgar' está parcialmente respondida.

Para facilitar o processo de julgamento, um conjunto de padrões e regras foi criado, e que é basicamente válido na maior parte das principais regiões de cultivo de orquídeas do mundo. O julgamento de orquídeas pode ser dividido em duas grandes categorias: Na primeira, conhecida como 'julgamento de exposição', as orquídeas são julgadas em uma base competitiva de trás para diante, isto é, várias classes são estipuladas e as plantas designadas a uma classe particular são julgadas umas contra as outras. No julgamento destas plantas apenas o que está sendo visto é tomado em consideração, assim, por exemplo, em uma classe para híbridos de *Cattleya* unifoliadas, as flores serão julgadas para tamanho, cor, forma, etc., e não como potencial atingido do híbrido em relação a seus pais. Se as plantas exibidas são de mérito suficiente, então em uma classe particular prêmios de primeiro, segundo e terceiro lugares são dados às três melhores plantas exibidas (entretanto, se os juízes presentes decidem que a qualidade não permite que um primeiro ou mesmo segundo e terceiro lugares sejam premiados, então esta classe será julgada de acordo, o que quer dizer que a simples exposição de plantas em determinada classe não garante sua premiação.

[1]Travessa Pepe, 98/201, Botafogo 22290, Rio de Janeiro.

O segundo tipo de julgamento é conhecido como 'julgamento de premiação', e neste caso uma planta florida ou uma inflorescência é avaliada comparada a um padrão de perfeição hipotético usando a experiência dos juízes presentes e também em comparação com plantas similares previamente premiadas. Este tipo é conhecido como julgamento de qualidade, já que cada vez que uma planta é premiada novos padrões de qualidade são considerados. É neste tipo de julgamento que prêmios como AM, FCC, CCE, etc., são dados. Neste caso, a razão para julgar é tal que obtenções em hibridades, em cultivo ou na introdução de uma rara ou interessante espécie podem ser corretamente reconhecidas. Julgamento e hibridação estão interrelacionados, e padrões de um são refletidos nos resultados de outro. De forma a participar deste tipo de julgamento, o presumível juiz deve ter uma sólida base em espécies e híbridos com os quais ele pode trabalhar. Na maioria das escolas de julgamento, demora 5-7 anos antes que um juiz estudante qualifica-se e mesmo então o processo de aprendizado nunca termina. Neste tempo, espécies e híbridos são estudados em detalhe, o reconhecimento das espécies dos gêneros principais é vital já que é destas plantas que os híbridos começam. A compreensão de hibridação é importante já que quando um determinado híbrido é colocado em frente a um juiz, ele deve ser capaz de reconhecer se os objetivos deste híbrido foram atingidos, isto é, ou se uma melhora geral com relação aos pais, ou se algum aspecto importante desejado, como tamanho, cor, substância, etc.

Naturalmente, não é possível esperar passar 5 anos de informação em um pequeno artigo. Espero, entretanto, que a pergunta tão frequentemente formulada, 'por que julgar', tenha sido satisfatoriamente respondida.



Paphiopedilum Maudiae var. *album*
'The Queen', AM/AOS

Cultivo: F. E. *Miranda* Foto: F. E. *Miranda*

As Leis da "Implicância Natural das Coisas" aplicáveis à Orquidofilia

ÁLVARO PESSÔA[1]

O ilustre amigo e leitor certamente já se defrontou com aquele acontecimento imprevisível, ou algum evento inexplicável, que diminui a alegria de viver. Sobre este tipo de situação já se escreveu até mesmo um livro: O Princípio de Peter. Costumo porém considerar tais eventos como aqueles regidos pela "lei da implicância natural das coisas". Esta lei explica, por exemplo, que seu carro SÓ enguiça quando você passeia com a sogra, ou que faltem vasos ou substrato no domingo que você planejou a reforma das plantas. A tentativa abaixo busca adaptar esta lei às nossas plantações, e o autor aguarda contribuições dos leitores para corrigir eventuais esquecimentos.

1 - A probabilidade de sobrevivência de qualquer traseiro é inversamente proporcional ao custo e a raridade da planta; a da quebra do broto dianteiro é diretamente proporcional;

2 - Quando a orquídea tem duas frentes e a exposição está próxima, a planta nunca permitirá que todas as flores sejam expostas para o mesmo lado, nem vão abrir todas no mesmo dia;

3 - Não havendo nenhuma exposição próxima, todas as florações das plantas campeãs ocorrem de maneira maravilhosa;

4 - Quando o visitante desastrado faz a planta despencar da bancada, certamente quem quebra é o broto frontal, nunca o traseiro;

5 - A probabilidade do ataque por fungo, ou outra praga qualquer, é diretamente proporcional à raridade da planta e disponibilidade de corte dela entre os amigos;

6 - Não adianta prender a respiração e morder a língua quando se arrumam flores para a exposição. Você certamente quebrará alguma;

7 - Quanto mais desejarem cortes "daquela sua planta", maior é a probabilidade dela fungar. Como dizem os espanhóis: "Yo no creo en las brujas, pero que las hay, las hay";

8 - No transporte para a exposição, se alguma flor quebrar, pode estar certo que é a da melhor planta do lote;

9 - A probabilidade da boa floração de uma planta rara é inversamente proporcional ao seu desejo de mostrá-la aos amigos;

10 - Todas as plantas realmente extraordinárias, a despeito de seus esforços e da boa época escolhida, sofrerão choque devido ao transplante.

[1]Rua Álvaro Alvim, 31/1402 - 20031 Rio de Janeiro.

O Cultivo de PHALAENOPSIS

R. AGNES[1]

Phalaenopsis estão sem dúvida entre as mais bonitas orquídeas e são das que mais facilmente podem ser cultivadas em estufas ou casas. Este gênero é um dos mais completamente tropicais entre as orquídeas em geral com praticamente todas as espécies originárias nas regiões baixas úmidas dos trópicos asiáticos e, das aproximadamente 70 espécies, a maior parte cresce nas filipinas. *Phalaenopsis* são floríferos em abundância e uma planta adulta bem cultivada produz 2 ou 3 hastes florais, desta forma estando em flor por 6 meses (ou mais) do ano. Quando as flores murcham, a haste floral pode ser cortada alguns centímetros acima do segundo ou terceiro nó, e após poucas semanas uma haste lateral terá se desenvolvido.

As informações seguintes devem ser do interesse daqueles que tentam cultivar *Phalaenopsis*, notando que os requerimentos mudam de local para local de modo que pequenas modificações para preencher suas condições locais produzirão ainda melhores resultados.

TEMPERATURA

Como mencionado anteriormente, *Phalaenopsis* são endêmicas de regiões tropicais e compreensivelmente não são tolerantes a baixas temperaturas ou grandes flutuações desta. A temperatura diurna deve estar entre 25-30°C apesar de que se atingir 35°C não haverá mal algum desde que haja boa circulação de ar e umidade. A temperatura mínima noturna deve ser 16-18°C, entretanto, as plantas toleram até 12°C por curtos períodos desde que mantidas razoavelmente secas. Foi afirmado que forçando-se a temperatura a cair um pouco no outono, a formação de hastes florais é auxiliada. Deve-se notar, entretanto, que contínuos períodos de baixas temperaturas inibem um adequado crescimento e um claro sinal disto são as raízes que selam seus curtos ápices verdes. Também a floração será afetada já que as plantas produzirão hastes florais mais curtas com menos e menores flores.

LUZ

Phalaenopsis são plantas de sombra e estarão bem sob uma intensidade de luz de 1000-1500 velas, o que, em uma estufa, é o equivalente a 80-85% em regiões tropicais (isto para iluminação direta, dependendo da luminosidade lateral, por exemplo, este valor pode ser ligeiramente modificado). Estas orquídeas podem ser cultivadas em casa próximas a uma janela onde recebam 1-2 horas de luz solar direta muito cedo pela manhã ou bem no final da tarde. A regra básica é dar às plantas o máximo de luz possível sem que as folhas se tornem flácidas ou mostrem sinais de queimaduras. Boa luz naturalmente ajuda na produção de melhores flores.

UMIDADE E VENTILAÇÃO

Boa ventilação é de máxima importância na estufa já que as plantas tendem a se tornar um tanto grandes e, sem adequada ventilação há tendência à criação de bolsões de ar estagnado que são maléficos às plantas. Se possível, ventiladores devem ser mantidos em funcionamento dia e noite, pois isto permite que folhas e corôas (centro das folhas novas) sejam mantidas secas, prevenindo o apodrecimento destas últimas, o que geralmente é fatal às plan-

[1]Travessa Pepe, 98/201, Botafogo 22290, Rio de Janeiro.

tas. Em casa, ventilação não é um fator tão importante, já que existe sempre circulação de ar próximo a uma janela. Umidade relativa de 50-70 por cento é a ideal.

Doritaenopsis Marta de Revilla 'Ballerine'.

REGAS E ADUBAÇÃO

É importante que as plantas sejam regadas pela manhã de modo que possam estar secas ao anoitecer. Não existe regra fixa sobre quão frequentemente as plantas devem ser regadas. Isso depende do tamanho da planta, tamanho do vaso, tipo de substrato e uma variedade de outros fatores. Como as plantas não possuem pseudobulbos elas *nunca* devem ficar completamente secas e também não devem ficar completamente encharcadas, pois isso leva ao apodrecimento das raízes. Geralmente, quando é necessário regar, rega-se abundantemente e então espera-se a planta ficar quase seca, pois isso permite que a planta permaneça úmida. Como *Phalaenopsis* são ativas a maior parte do ano, adubação 30-10-10 pode ser usada alternando-se com 18-18-18. Como regra, lavar o vaso antes de adubar (regar abundantemente), o que assegura que não haverá um gradativo acúmulo de sais com o passar do tempo. A adubação pode ser feita como uma rega alternada ou então, se a concentração for bem baixa, pode ser aplicada com cada rega.

SUBSTRATO

O envasamento de *Phalaenopsis* usualmente constitui o maior problema, pois na natureza as plantas crescem aderidas a árvores com suas raízes frequentemente atingindo metros de comprimento. Qualquer um que tenha tentado envasar uma destas plantas descobriu quão difícil é tentar colocar esta raízes longas e espessas em um vaso, pois invariavelmente as raízes quebram ou machucam seriamente. Devido à facilidade de obtenção de xaxim, as plantas podem ser cultivadas com sucesso em placas deste com um pouco de musgo, o que permite que as raízes fiquem bem acomodadas. Sempre tenha em mente que as folhas devem ser dispostas voltadas para baixo quando pendurar a placa. Outro método eficiente é colocar as plantas em cestas de sarrafos de madeira com xaxim colocado frouxamente, o que também permite crescimento fácil das raízes.

Se espaço é problema e vasos devem ser usados, boa drenagem deve ser garantida, e para tanto alargue o tamanho dos furos e faça novos nas paredes laterais dos vasos. Garanta que pelo menos 1/3 do vaso seja preenchido com xaxim, frouxamente colocado e livre de excesso de pó, que segura muita água. Uma boa alternativa para o xaxim é o uso de pedaços de casca de algumas árvores ou de cortiça, mas são de difícil obtenção e mais caros que o xaxim. Para seedlings em pequenos vasos xaxim é usado com melhores resultados, mas pedaços de casca com granulação menor podem também ser usados.

REPLANTIO

Phalaenopsis não gostam de ficar no mesmo substrato por muito tempo e devem ser replantadas pelo menos uma vez cada dois anos. As plantas devem ser replantadas quando em crescimento ativo de modo a se estabelecerem mais rapidamente. Ao replantar, não tente forçar todas as raízes dentro do vaso, mas se a raíz é muito longa e saudável, permita que ela fique pendente fora do vaso pois desta forma continuará a crescer. Todas as raízes mortas e em decomposição devem ser removidas pois estas apressam a decomposição do substrato. Uma vez replantada, a planta não deve ser regada por 2-3 dias, para permitir às raízes cortadas cicatrização adequada, e se os dias estão quentes, pulverização de água nas folhas é suficiente neste período.

PRAGAS

Colchonilhas, caramujos e lesmas são provavelmente os mais perigosos para *Phalaenopsis*. Lesmas e caramujos podem ser controlados com produtos contendo metaldeído e colchonilhas com um inseticida sistêmico. Manter as plantas limpas é o primeiro passo para prevenir a formação de colônias destas pragas que podem ser difíceis de erradicar uma vez bem estabelecidas.

Laelias Brasileiras · Noções, espécies e cultivo · 1

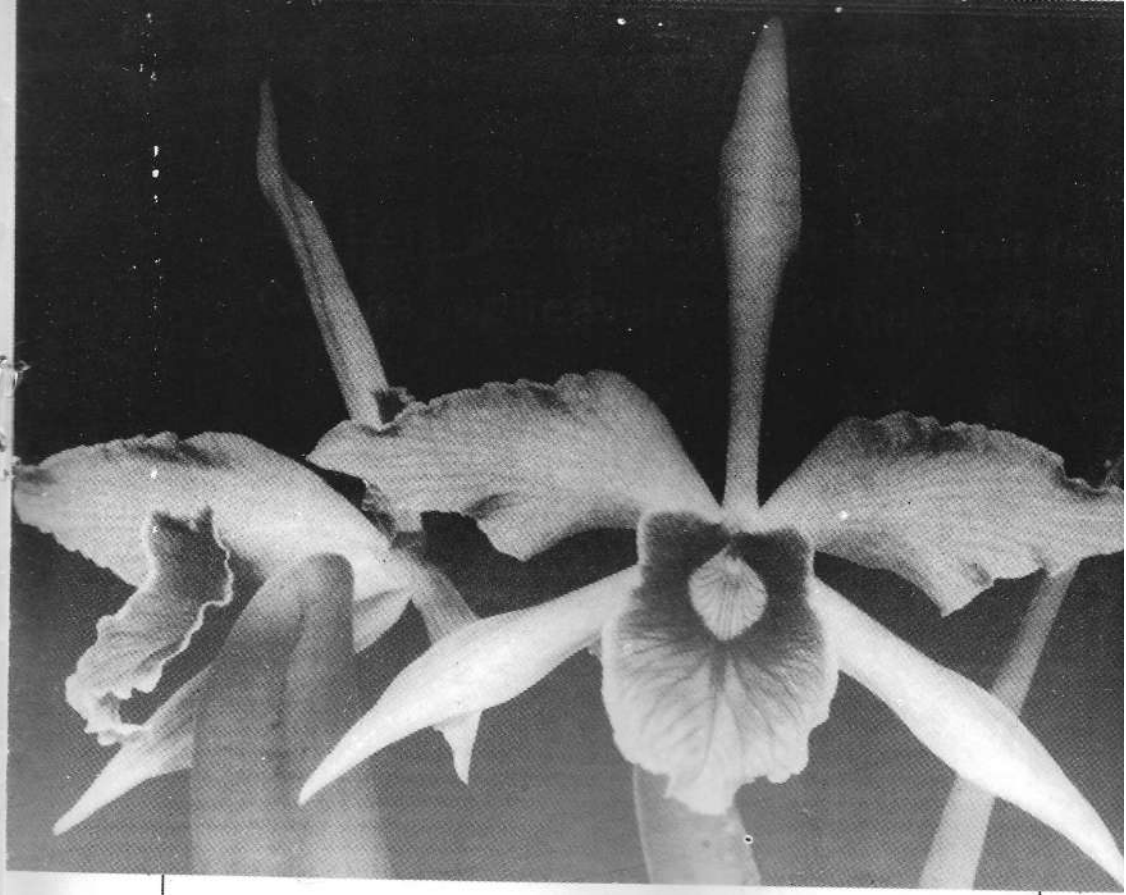
FRANCISCO MIRANDA[1]

As espécies brasileiras do gênero *Laelia* estão sem dúvida entre as mais belas orquídeas, e como a isso somam-se que aparecem em grande quantidade de espécies por si já muito variáveis, e muitas vezes serem plantas cultivadas por iniciantes além daqueles que muitas vezes chegam ao extremo de cultivar quase que só uma espécie com suas variedades, justifica-se tanto um estudo básico do gênero e de suas espécies como um breve resumo das condições para cultivo destas plantas. Representantes deste gênero têm sido cultivados em nosso país há muitas décadas, especialmente *Laelia purpurata* com sua enorme gama de variações de colorido, e assim seus requisitos culturais são bem conhecidos de cultivadores mais experientes, de modo que provavelmente o que aqui será mencionado é corriqueiro para estes. Entretanto, aqui se visa principalmente os carentes desta experiência, pois acreditamos que um mínimo de informação básica pode ser muito útil para evitar erros que muitas vezes desanimam o novato, de modo que a discussão do tema será bem básica.

Para efeitos puramente práticos, o assunto será abordado em forma de série, de modo a agrupar as espécies segundo seu meio de vida e requerimentos culturais. No caso do gênero *Laelia*, esses grupos de espécies afins culturalmente estão de acordo com os grupos do ponto de vista botânico, e desta forma é interessante fazer um breve comentário geral, introdutório, a respeito desta arrumação feita pelos botânicos. A gênero *Laelia* é composto por sete grupos, que no caso são conhecidas botanicamente como secções do gênero. Destas, 4 são exclusivamente brasileiras, as 3 restantes ocorrem exclusivamente na América Central e México. As secções brasileiras, que no interessam nestas linhas, são, e a ordenação aqui não é necessariamente a botânica, mas por acoso está em ordem decrescente de tamanho das flores: §1 - *Cattleyodes*, que inclui *Laelia purpurata* e afins; §2 - *Hadrolaelia*, incluindo *Laelia pumila* e afins; §3 - *Parviflorae* (ou *Cyrtolaelia* em trabalhos mais antigos), que inclui as espécies chamadas popularmente de 'laelias rupícolas' e semelhantes epífitas, como *Laelia harpophylla* e afins; e §4 - *Microlaelia*, que inclui apenas *Laelia lundii*. As características de cada secção, assim como as espécies que as compõem, o que certamente ficou um tanto vago pelo exposto acima, serão tratadas em separado nos próximos artigos da série, e os que já conhecem estas espécies percebem que estes grupos são bem delimitados e inconfundíveis.

Antes de passarmos ao primeiro destes grupos, é interessante fazer ainda alguns comentários sobre um aspecto que muitas vezes é negligenciado, justamente por ser tão corriqueiro para os que têm alguma experiência no assunto, mas é uma dúvida concreta do leigo que pode ser resumida em uma pergunta: 'como reconhecer uma *Laelia*?'. A pergunta pode parecer tão óbvia, mas no momento que se tenta encontrar palavras para respondê-la sem entrar em minúcias taxonômicas que são completamente estranhas ao não versado no assunto, percebe-se o quão difícil é explicar um assunto, em última análise técnico, em uma linguagem popular, que no final das contas é o que interessa aos orquidófilos. Uma opção seria responder a esta pergunta da seguinte forma: 'uma *Laelia* é uma *Laelia*, ora!' Esta seria a maneira mais fácil, precisa e... inútil de responder a esta pergunta. Um cultivador experiente poderia dizer ao

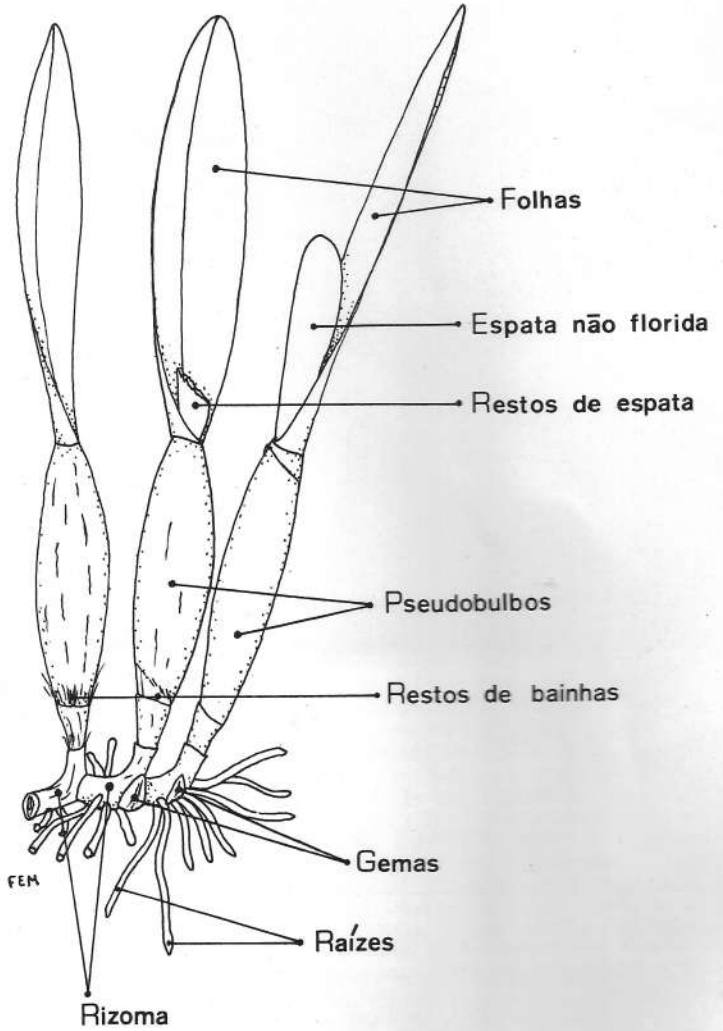
[1]Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro.



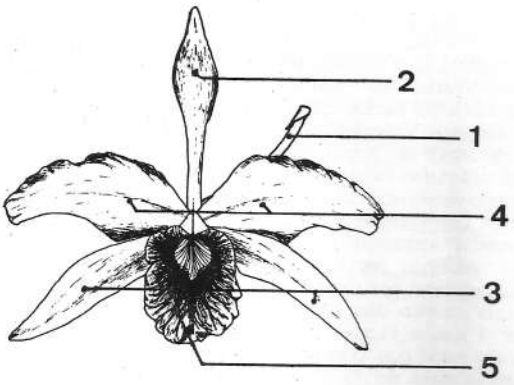
Cultivo: F. E. Miranda Foto: F. E. Miranda

Laelia purpurata var. *sanguinea* 'Mentz'.

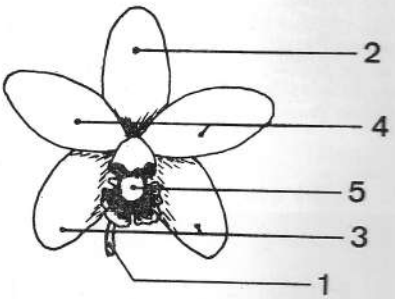
leigo: 'olhe a maior quantidade possível de plantas ditas como laelias em orquidários e exposições, e com o tempo acabará sabendo o que é uma *Laelia* só de olhar para ela!' Esta já seria uma maneira menos fácil, e tambem menos precisa e inútil de responder. De fato, no final, quase todos os orquidófilos aprenderam o que uma *Laelia* desta maneira. O problema é que este processo tem que se repetir com cada espécie com que se tem contato, e desta forma é difícil aprender a reconhecer, por exemplo, laelias rupícolas, pois mesmo alguns cultivadores experientes não sabem que 'aquilo' é uma *Laelia*. Quando se fala então em reconhecer as espécies deste grupo, os professores simplesmente acabam, pois quase ninguém conhece os nomes da maioria das espécies. É bem verdade que pode ser argumentado que 'quem viu uma viu todas', mas não é bem assim, e mais tarde, quando do tratamento dos grupos em si, isso será evidenciado. Uma terceira maneira de se responder a esta pergunta é sem dúvida muito mais difícil, mas muito mais precisa e desta forma, útil, que seria tentar descrever uma *Laelia* em termos simples ao alcance de todos. O maior problema parece ser a grande quantidade de termos referentes aos nomes das partes da planta e principalmente da flor, além de uma certa terminologia prática que causa dificuldades aparentemente intransponíveis ao iniciante (coisas aparentemente tão óbvias como: 'frente' da planta?, o que é isso?). Essa terminologia morfológica, i.e., os nomes das partes de uma orquídea, é um proble



ESQUEMA DE PORTE VEGETATIVO –
LAELIA SECÇÃO CATTLEYODES.



A



B

1 - Pedicelo

2 - Sépala dorsal

3 - Sépalas laterais

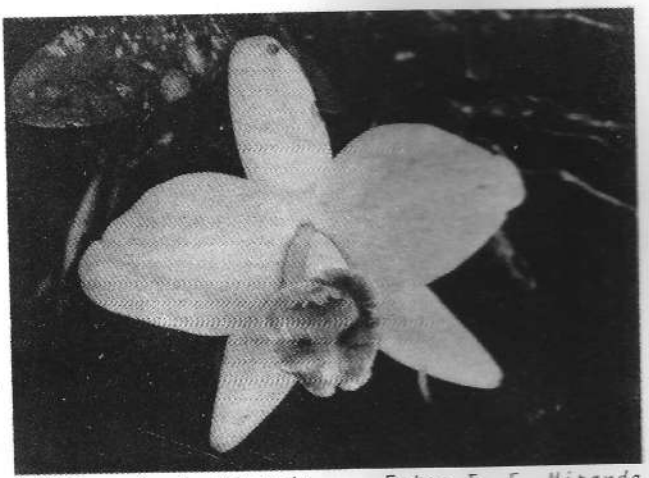
4 - Pétalas

5 - Labelo

ESQUEMA FLORAL - **A** - CATTLEYODES.
B - PARVIFLORAE.

ma geral quando se fala de orquídeas, e não é um privilégio do nosso caso particular. Aqui não cabe incluir um curso básico explicando esses termos frequentemente encontrados em descrições, de formas que esta dificuldade deve ser contornada de outra maneira, que será com uma descrição o mais breve possível mencionando-se apenas o que seja essencial para separar o gênero *Laelia* de outros muito próximos, como por exemplo *Cattleya* e *Epidendrum*.

Assim, uma *Laelia* é composta de: raízes cilíndricas que se originam de um rizoma, este o verdadeiro 'caule' de uma orquídea (no caso do gênero *Laelia* este rizoma é sempre mais ou menos rasteiro e próximo ao substrato, no caso das laelias rupícolas estando frequentemente enterrado), podendo ainda ser muito curto ou longo (até mais de 5 cm) dependendo do grupo em questão e da espécie. Deste rizoma se originam brotos que tendem a crescer perpendicularmente ao rizoma, e quando desenvolvidos apresentam na parte inferior pseudobulbos (que são porções espessadas e servem como reserva de água e nutrientes) com um ou mais 'anéis' espessados e na parte superior geralmente apenas uma folha carnosa, podendo apresentar duas por anomalia (exceto *Laelia lundii*, que tem duas, exceto por anamalia). 'Dentro' desta folha, muitas espécies, que representam exceto uma secção, apresentam uma espata que tem por finalidade proteger a haste floral e que é uma folha modificada. As hastes florais se originam do topo dos pseudobulbos, envoltas pelo base da(s) folha(s) e apresentam de uma a mais de 15 flores, dependendo, é claro, da espécie, secção, e vigor da planta. As flores das *Laelia* variam dependendo do grupo, entretanto, relativamente pouco dentro de cada grupo, mas basicamente apresentam 3 sépalas e 3 pétalas, coloridas e bem desenvolvidas, sendo que uma destas últimas é uma peça bem modificada, o labelo. Envolvida por este labelo está a coluna, que é a parte reprodutiva da flor, que em *Laelia* e quase todas as demais orquídeas, é hermafrodita, o que significa que os dois sexos são funcionais; na face inferior da coluna, voltada para o labelo, encontra-se a cavidade estigmática, viscosa, porção feminina da flor, e no ápice da coluna encontra-se a antera, porção masculina, que é um 'estojo' que em todas as *Laelia* possui 8 massas amarelas de pólem, cerosas, chamadas políneas. Este número de 8, é importante repetir, é a característica mais importante para separar este gênero do seu mais próximo ponto de contato, a saber, *Cattleya*, que apresenta sempre 4 políneas.

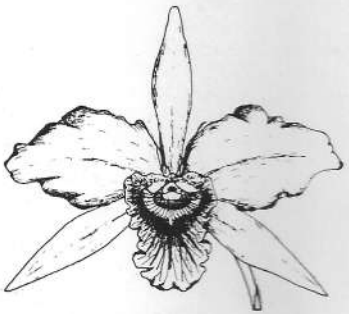


Cultivo: F. E. Miranda Foto: F. E. Miranda

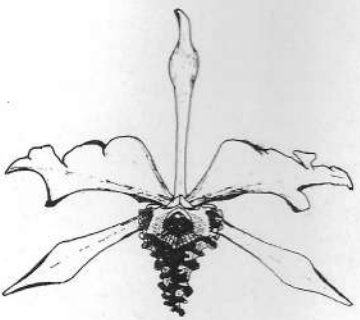
Laelia praestans Reichb. f.

Após este breve intróito sobre o gênero, torna-se pouco recomendável pas sar direto à secção Cattleyodes, pois, mesmo em uma linguagem básica o assunto é muito extenso, ficando pois este tratamento para o segundo capítulo desta série.

Esperamos que estas linhas tenham servido para subsidiar um pouco melhor o assunto, pois informações específicas a respeito de grupos isolados de orquídeas estão muito espalhados, dificultando a sua assimilação principalmente por orquidófilos menos experientes. Estes, além da dificuldade natural em saber onde procurar esta informação, poucas vezes têm acesso ouconhecem esta literatura mais especializada. Esperamos também que estas façam aumentar o interesse neste grupo de orquídeas tão bem representado no Brasil, de fácil cultivo e composto por tão belas espécies.



Laelia lobata (Lindl.) Veitch



L. crispa Reichb. f.

Orquídeas da Africa · 1

DISA UNIFLORA

R. AGNES[1]

Tendo vivido na Cidade do Cabo, África do Sul, por 16 anos, naturalmente fiquei familiarizado com a grande variedade de espécies encontradas na região. Para mim, a mais bonita das espécies africanas vive na Cidade do Cabo e arredores, e qualquer pessoa que como eu viu *Disa uniflora* concorda que é uma das mais belas espécies de orquídeas.

Disa uniflora é uma pequena orquídea terrestre que é encontrada na 'montanha da mesa' que está localizada no coração da Cidade do Cabo e também nas montanhas próximas e é inútil dizer que é o emblema da Sociedade de Orquídeas da Cidade do Cabo (Cape Town Orchid Society).

A cor da flor varia bastante, e isso depende do local exato de onde a planta vem, esta variação indo do vermelho, carmim, róseo-claro, róseo-escuro, amarelo-alaranjado até amarelo. Certa época uma planta de flores brancas foi descrita, mas esta planta desapareceu desde então. A planta possui uma túbera carnosa da qual se desenvolvem os brotos aéreos, cada um destes brotos originando 5-8 folhas lanceoladas que se dispõem em forma de roseta ao redor do 'caule' como pode ser chamado este broto. As folhas superiores são menores e na parte superior do caule uma única bráctea protege cada flor. A planta geralmente produz 2-4 flores mas podendo em alguns casos produzir até 8-10 em um único caule. As flores variam de 8-12 cm de diâmetro. No caso de *Disa uniflora*, a parte principal da flor é a sépala dorsal e não o labelo como na maior parte das orquídeas. Esta sépala dorsal é ligeiramente côncava formando um esporão de aproximadamente 1 cm de comprimento, voltado para trás. Sua superfície interna é amarelada com veias vermelhas sólidas e interrompidas, 'quebradas'. No total, esta parte da flor mede aprox. 4 x 5.5 cm. As sépalas laterais que medem mais ou menos 5 cm de comprimento cada são usualmente laranjas, vermelhas ou escarlates em colorido. As pétalas são menores e se dispõem atrás da antera, i.e., dentro da sépala dorsal. As pétalas são tão ou mais vermelhas que as sépalas na superfície externa e amarelo-vivo pintalgadas de vermelho na interna. O labelo é insignificante e se projeta para a frente entre as sépalas laterais. A coluna é peculiar, com a antera atrás da superfície estigmatífera, as duas políneas alongadas e amarelas estando divididas em vários pequenos 'pacotes' de pólen.

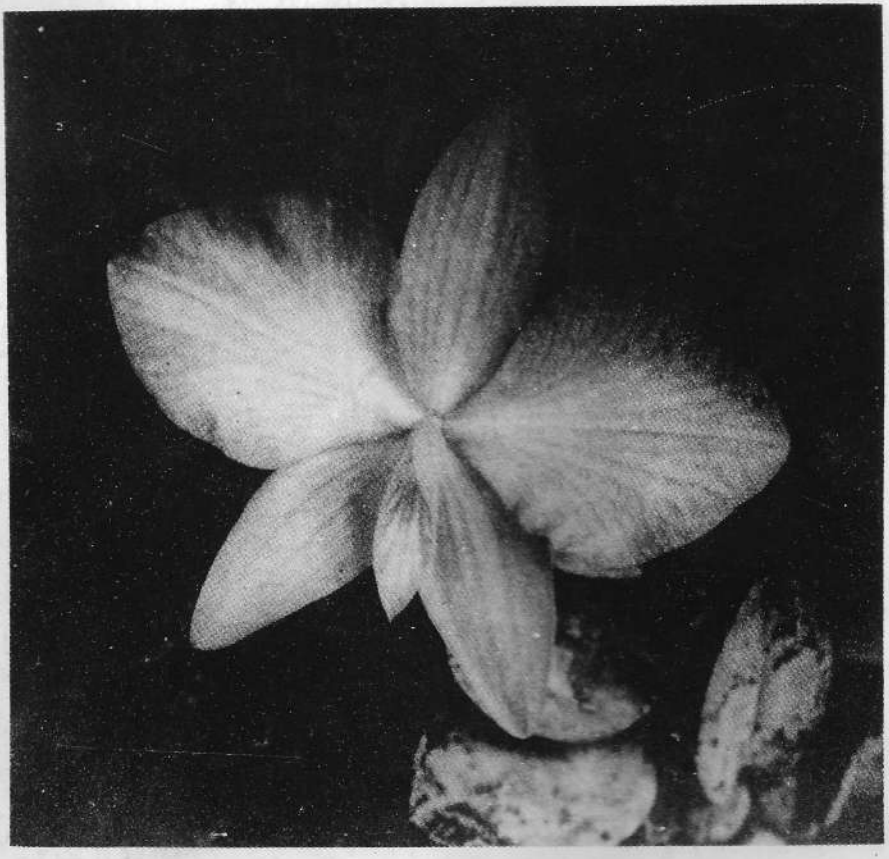
Na natureza, *Disa uniflora* cresce em uma variedade de situações, desde solo turfoso preto até areia quase branca sob quedas de cachoeiras ou em bancos de rios com suas raízes dentro de correnteiras de água. As plantas florescem de dezembro a março frequentemente sob condições de extremo calor e são assim capazes de suportar horas de sol total e por outro lado vão perfeitamente bem em locais sombreados. Água com pH neutro ou mais ácido é ideal e a planta deve ser cultivada com excelente drenagem ou simplesmente as raízes morrem. A temperatura do ar pode ocasionalmente exceder 30°C desde que hajam umidade adequada e circulação de ar. Entretanto, as raízes devem ser mantidas a uma temperatura mais fresca por todo o tempo. Em cultivo, umidade e sombreamento de 50% são ideais, pois isso assegurará hastes florais fortes e saudáveis e permitirá que a pigmentação das flores se estabeleça corretamente. As plantas devem ser fertilizadas em uma base regular com soluções fracas de um adubo balanceado (18-18-18).

---

[1]Travessa Pepe, 98/201, Botafogo 22290, Rio de Janeiro.

Devido à seu colorido espetacular, *Disa uniflora* tem sido usada extensamente em hibridação. Foi cruzada com outras espécies de *Disa* e disto resultou uma grande variedade de cores e tamanhos de flores e também hastes que vão de 20 cm até 1 m de altura.

Disa uniflora, vista aqui em seu habitat natural.
Montanha da Mesa, cidade do Cabo, África do Sul.



Cultivo: F. E. Miranda

Foto: F. E. Miranda

Sophronitis brevipedunculata 'gigante'

O gênero *Sophronitis* é composto por poucas espécies, sempre ornamentais, e além de *S. coccinea*, símbolo da OrquidaRIO, outras como *S. brevipedunculata*, aqui ilustrada, são dignas de atenção por parte de cultivadores. As características marcantes desta espécie são o curtíssimo pedúnculo floral, o colorido carmim e o porte vegetativo atarracado. Seu habitat é geralmente sobre velósias arborescentes em Minas Gerais e Espírito Santo.